
EDUCAÇÃO FÍSICA

TAMIRES ALVARADO DE FREITAS

**POSSIBILIDADES DAS ATIVIDADES FÍSICAS
DE AVENTURA (AFAs) NO CONTEXTO
ESCOLAR**



Rio Claro
2012

TAMIRES ALVARADO DE FREITAS

POSSIBILIDADES DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURAS
(AFAs) NO CONTEXTO ESCOLAR

Orientador: SURAYA CRISTINA DARIDO

Coorientador: LUIZ GUSTAVO BONATTO RUFINO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro,
para obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física.

Rio Claro
2012

796.07 Freitas, Tamires Alvarado
F866p Possibilidades das atividades físicas de aventura (AFAs) no contexto
escolar / Tamires Alvarado Freitas. - Rio Claro : [s.n.], 2012
56 f. : il., gráfs. + 1 planos de aula

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Suraya Cristina Darido
Co-Orientador: Luiz Gustavo Bonatto Rufino

1. Educação física - Estudo e ensino. 2. Atividades físicas de aventura
na escola. 3. Cultura corporal de movimento. I. Título.

Dedico este trabalho à minha mãe, Luciene, por sua perseverança, determinação e pelo amor que possuí em lecionar.

AGRADECIMENTOS

Existe uma história que compara a vida a uma viagem de trem, e é assim:

“A vida não passa de uma viagem de trem, cheia de embarques e desembarques, alguns acidentes, agradáveis surpresas em alguns embarques e grandes tristezas em alguns desembarques. Desde o nosso nascimento entramos nesse magnífico trem e nos deparamos com algumas pessoas que, julgamos, estarão sempre nessa viagem conosco: nossos pais. infelizmente isso não é verdade, em alguma estação eles descerão e nos deixarão órfãos do seu carinho, amizade e companhia insubstituíveis. Isso, porém não impedirá que, durante o percurso, pessoas que se tornarão muito especiais para nós, embarquem. Chegam então nossos irmãos, amigos, filhos e amores inesquecíveis!

Muitas pessoas embarcarão nesse trem apenas a passeio, outras encontrarão no seu trajeto somente tristezas e ainda outras circularão por ele prontos a ajudar quem precise. Vários dos viajantes quando desembarcam deixam saudades eternas, outros tantos, quando desocupam seu assento, ninguém nem sequer percebe. Curioso é constatar que alguns passageiros que se tornam tão caros para nós, acomodam-se em vagões diferentes dos nossos, portanto somos obrigados a fazer esse trajeto separados deles, o que não nos impede, é claro, de ir ao seu encontro. No entanto, infelizmente, jamais poderemos sentar ao seu lado, pois já haverá alguém ocupando aquele assento.

Não importa, é assim a viagem, cheia de atropelos, sonhos, fantasias, esperas, despedidas, porém, jamais, retornos. Façamos essa viagem então, da melhor maneira possível, tentando nos relacionar bem com os outros passageiros, procurando em cada um deles o que tiverem de melhor, lembrando sempre que em algum momento eles poderão fraquejar e precisaremos entender, porque provavelmente também fraquejaremos e com certeza haverá alguém que nos acudirá com seu carinho e sua atenção.

O grande mistério afinal é que nunca saberemos em qual parada desceremos, muito menos nossos companheiros de viagem, nem mesmo aquele que está sentado ao nosso lado. Eu fico pensando se quando descer desse trem sentirei saudades... Acredito que sim, me separar de muitas amizades que fiz será no mínimo doloroso, deixar meus filhos continuarem a viagem sozinhos será muito triste com certeza; mas me agarro na esperança que em algum momento estarei na

estação principal e com grande emoção os verei chegar. Estarão provavelmente com uma bagagem que não possuíam quando embarcaram e o que me deixará mais feliz será ter a certeza que de alguma forma eu fui uma grande colaboradora para que ela tenha crescido e se tornado valiosa.

Por isso temos que fazer com que a nossa estada nesse trem seja tranquila, que tenha valido à pena e que quando chegar a hora de desembarcarmos o nosso lugar vazio traga saudades e boas recordações para aqueles que prosseguirem a viagem”.

Com a entrega do TCC, estamos saindo de uma estação e seguindo em direção a outra, e esse percurso foi repleto de pessoas essenciais, que deram um pouco de si e levaram um pouco de nós. Essa história fez parte da minha graduação, do meu “emprego” na família REP Iago e ainda mais da minha vida, por isso achei necessário colocá-la. São tantas essas pessoas que contribuíram nesse percurso da minha viagem, que será difícil agradecer a todas, porém quero agradecer do fundo do meu coração a todas as pessoas que contribuíram na minha bagagem, seja de forma pequeninha ou mesmo de maneira gigantesca.

Primeiramente quero agradecer aos meus pais, Luiz e Luciene, pelo esforço e pelo apoio em todos os momentos da minha faculdade e também aos meus irmãos, Yasmin e Junior, que foram muito importantes pra mim durante toda a faculdade. Cada carinho, cada ligação e cada gesto me faziam mais forte pra seguir em frente, enfrentando a saudade e buscando meus objetivos.

Agradecer a minha madrinha, Alessandra, que diante de diferentes obstáculos me deu força e coragem para continuar e não desistir e também pelo apoio, carinho, compreensão e amizade e também ao meu padrinho Walner. Aos pequenos, Pedro e João, que fazem um mundo se abrir com apenas um sorriso.

Meus avós, Lucia e Antônio, e Porcina, que da maneira deles me incentivaram a buscar meus sonhos e me ajudaram da melhor maneira que puderam. E também a todas as minhas tias, tios e primos, que sempre procuravam saber como as coisas estavam, e sempre me incentivaram.

Quero agradecer a todos os meus amigos, que de certa forma foram obrigados a mudar de vagões pelo rumo que minha vida seguiu, desde aqueles que quase nunca conseguia ver, por causa da correria da vida de estudante até aqueles que todo final de semana estavam comigo. Cléo, Fernanda, Natália, Gerson, Ayla, Karina, Jenifer, Natalinha, Fernando, Natan, Tico, Simone, e Mone.

Agradecer a família de amigos que fizeram com que os dias em Rio Claro fossem repletos de alegrias, nas aulas, “turma 1” e depois “LEF”; nas moradias, pensão, Iara e Su, república “devassas”, Carol, Letícia, Tami e Marília, república “Tchukas”, Mariana, Camila, Yuri e Laís, e por último mas não menos importante, república “mafiosas”, Iara, Vanessa, Cacá e Aninha; essas famílias me trouxeram grandes amizades e muito conforto.

Ao coordenador Luiz Gustavo Bonatto Rufino meus agradecimentos profundos, pois foi a pessoa principal que me ajudou no andamento do meu tcc, se mostrando não só um grande mestre mas também um grande amigo. E a minha querida orientadora, Suraya, pelos seus ensinamentos e conselhos.

Obrigada aos meus avaliadores, Sara e Laércio, que aceitaram esse desafio e me ajudaram, no caso do Lala, com embasamento teórico importantíssimo para a realização do meu TCC, e a Sara, pelos conselhos e visões em relação ao desenvolvimento do projeto.

Em especial, agradeço a Raquel e a Iara, não só por estarem comigo desde sempre, mas também por sempre estarem dispostas a me ajudar, o que não foi diferente na realização do meu TCC, ressaltando a aula de corrida de orientação, em que elas me ajudaram a montar os mapas e a preparar o percurso na escola, fazendo com que tudo ocorresse bem. E a Ana Livia que é muito importante pra mim e me ajudou de diferentes maneiras na graduação e no TCC.

Quero agradecer ainda a pessoa que escolhi para compartilhar minhas dúvidas, minhas tristezas e minhas alegrias, Ruan Carlos, que em todos os momentos foi meu companheiro e amor.

Enfim, quero agradecer a todos que me ajudaram, me apoiaram e fizeram com que eu alcançasse os meus objetivos.

“Um pouco de aventura liberta a alma cativa do algoz cotidiano”.

(Clarice Lispector)

RESUMO

A Educação Física escolar é responsável por proporcionar ao aluno o conhecimento da cultura corporal de movimento, compreendida pelas diferentes manifestações corporais, como lutas, ginásticas, danças, entre outras. As Atividades Físicas de Aventura são atividades existentes na cultura corporal de movimento e que estão ganhando cada vez mais espaço nos dias atuais. Essas atividades são realizadas em meio natural, urbano ou artificial, podendo ser adaptadas para o contexto escolar, envolvendo o risco controlado e proporcionando diferentes sensações. Sendo as Atividades Físicas de Aventura pertencentes à esfera da cultura corporal de movimento é necessário que elas sejam introduzidas na escola, proporcionando assim a vivência de novas manifestações corporais aos alunos, propiciando o aprendizado de valores relacionados ao meio ambiente em geral, que estão atrelados a essa prática, além de aumentar os conteúdos da Educação Física na escola. Com isso o objetivo desse estudo foi analisar a implementação de um programa de Atividades Físicas de Aventura dentro das aulas de Educação Física durante o período de um mês (oito aulas), com os temas: surfe, corrida de orientação, parkour e skate, para uma turma de alunos da sexta série, atual sétimo ano, de uma escola da rede pública estadual de ensino do Estado de São Paulo da cidade de Rio Claro. Para isso, foi avaliada a opinião do professor de Educação Física desta turma, por meio de uma entrevista semi-estruturada, dos alunos envolvidos durante o processo de implementação, por meio de questionários, e de um grupo de alunas pertencentes ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), por meio de grupo focal, sobre as possibilidades apresentadas nas aulas de AFA no contexto escolar. Os resultados mostraram que os alunos, o professor e as bolsistas acharam a temática pertinente por despertarem diferentes sensações aos alunos. Além disso, as atividades despertaram a curiosidade dos alunos uma vez que eles afirmaram serem essas temáticas, muitas vezes, desconhecidas, bem como proporcionar práticas que fogem das realizadas cotidianamente desse referido contexto. Com base nas respostas dos alunos do professor de Educação Física e das alunas bolsistas do PIBID pode-se constatar a importância da inserção do tema AFAs nas aulas de Educação Física, uma vez que este tema permite vivências e reflexões sobre novas manifestações corporais, aumentando o leque de possibilidades de conteúdo nas aulas de Educação Física. Considera-se que as AFAs apresentam possibilidades de inserção no contexto escolar, mesmo que de maneira adaptada, devendo fazer parte integrante do currículo, por serem pertencentes ao rol de manifestações da cultura corporal de movimento. Ainda, essas manifestações proporcionam aos alunos diferentes sensações e emoções e apresentando possibilidades de discussão de valores (dimensão atitudinal), como a educação ambiental. Entretanto, mesmo inserida na esfera da cultura corporal de movimento, as AFAs necessitam de maiores estudos que possam viabilizar aos futuros professores formas efetivas de abordar estes conteúdos ao longo da prática pedagógica.

Palavras-chave: Atividades Físicas de Aventura. Educação Física Escolar. Cultura Corporal de Movimento.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	12
3. REVISÃO DE LITERATURA	13
3. 1. A Educação escolar	13
3. 2. A Educação Física Escolar	14
3. 3. Atividades Físicas de Aventura	17
3. 4. Atividades Físicas de Aventura no contexto escolar	24
4. MÉTODOS	26
4. 1. Participantes	26
4. 2. Aplicação do material	26
4. 3. Entrevistas semi estruturadas	27
4. 4. Aplicação do questionário	27
4.5. Grupo focal	28
4.6. Análise dos resultados	28
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
5.1. Descrição do programa de AFA	29
5.2. Análise dos questionários dos alunos	30
5.3. Análise da opinião do professor e das bolsistas	34
5.3.1 Conteúdo	34
5.3.2 Metodologia e didática	37
5.3.3 Implementação do projeto	39

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45
ANEXO - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	48
APÊNDICES	49
APÊNDICE A - Roteiro para a entrevista com o professor	49
APÊNDICE B - Roteiro para o grupo focal	50
APÊNDICE C - Questionário para os alunos	51
APÊNDICE D – Planos de aula	52
APÊNDICE E – Exemplo de questionário respondido pelo aluno 6	56

1. INTRODUÇÃO

As Atividades Físicas de Aventura (AFAs) são entendidas como as atividades realizadas em meio natural, urbano ou mesmo artificiais e que envolvem o risco controlado. São atividades que, embora presentes há algum tempo na cultura corporal de movimento, são relativamente novas no contexto da Educação Física, e cada vez mais crescentes na sociedade (PEREIRA; ARMBRUST, 2010; MARINHO; SCHWARTZ, 2005). Ainda de acordo com Marinho e Schwartz (2005) é crescente também o interesse de diferentes adeptos, jovens, crianças, e adultos, de diversos níveis sociais e de diferentes ocupações.

Devido à atualidade das AFAs, de acordo com Marinho e Schwartz (2005), ainda são poucos os estudos na área, se tornando assim um foco crescente de interesse também nas universidades. Na verdade, é necessário garantir a aprendizagem das Atividades Físicas de Aventura na formação inicial para que a atuação profissional seja significativa (FREITAS; RUFINO, 2012).

Sendo a Educação Física componente curricular da educação básica de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 2010) e consistindo sua função de acordo com Betti (2002, p.75) em “introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la”, cabe refletir sobre as AFAs, enquanto pertencentes à cultura corporal de movimento, composta pelas temáticas dos jogos, da ginástica, das lutas, das danças, dos esportes, entre outros que compõem o contexto da Educação Física escolar.

De acordo com Pereira e Armbrust (2010, p. 23) “todo processo de desenvolvimento passa por níveis de amadurecimento, experiências e reflexões”, e ainda segundo os autores, sendo a escola o ambiente em que a criança passa grande parte de sua vida, esta se torna o local de transformações e de experimentações, tanto sociais quanto culturais.

Na escola é possível trabalhar o desenvolvimento integral da criança ou do adolescente em todas as etapas necessárias, sendo indispensável que o professor possibilite os estímulos necessários a cada fase de desenvolvimento, atendendo aos interesses e necessidades dos alunos. Segundo Pereira e Armbrust (2010) é possível utilizar as AFAs para promover esses estímulos nas diferentes fases de

desenvolvimento da criança, entre elas, a primeira infância, a segunda infância, e a adolescência.

As Atividades Físicas de Aventura podem, segundo Franco (2008) e Marinho e Schwartz (2005), desenvolver aspectos relacionados à educação ambiental, abordando temas relacionados à natureza e ao meio ambiente de maneira que possibilite uma interação dos alunos com o ambiente em geral, favorecendo assim a aprendizagem de alguns princípios, como cuidado, preservação e respeito com o meio ambiente, além de serem atividades prazerosas e novas no contexto escolar.

Ainda na perspectiva da educação ambiental, de acordo com Figueiredo et al. (2010), por meio das Atividades Físicas de Aventura, a escola passa a ser de fundamental importância na construção da cidadania, sendo esta possuidora de um conhecimento do ambiente, e que pode contribuir de forma sustentável e adequada na sociedade. Neste sentido, pode-se observar que, a escola exerce um papel essencial na construção formal do conhecimento ambiental dos alunos, além de formá-los cidadãos conscientes e reflexivos sobre o assunto em questão.

De acordo com Zimmermann (2006), as AFAs podem contribuir também para uma saudável melhora na qualidade de vida das pessoas, no caso da escola, na vida dos alunos, por promover uma relação com aspectos do ambiente, dependendo da forma como for abordada durante os processos de ensino e aprendizagem. Além de ser uma prática de atividade física que, dependendo da atuação profissional, já ajuda na melhora da qualidade de vida, por proporcionar aos alunos uma vivência com novos temas, sendo interessante e novo para eles, pela diversão que essas atividades podem oferecer, pela superação de desafios que compõem essas atividades, e até mesmo pela interação e sociabilidade com o grupo durante a prática.

Fica, evidenciado, de acordo com os autores citados, as diversas contribuições que as Atividades Físicas de Aventura podem desenvolver no contexto escolar e na formação do aluno, tornando-se assim importante investigar as possibilidades de inseri-las na escola, tendo em vista a escassez de estudos sobre a temática na escola, durante as aulas de Educação Física e considerando-se as potencialidades pedagógicas que estas práticas corporais podem ocasionar no contexto escolar.

2. OBJETIVO

O objetivo desse estudo foi analisar a implementação de um programa de Atividades Físicas de Aventuras (AFAs) na escola, dentro das aulas de Educação Física e analisar a opinião do professor de Educação Física desta turma, dos alunos envolvidos durante o processo de implementação e de um grupo de alunas pertencentes ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) sobre as possibilidades apresentadas das aulas de AFA.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Buscou-se dividir a revisão de literatura para um melhor entendimento. Primeiramente serão apontados alguns aspectos legais da Educação geral, para em seguida falarmos da Educação Física Escolar; posteriormente será abordado as Atividades Físicas de Aventura (AFAs) e por fim será comentado sobre o papel das AFAs no contexto escolar, fazendo assim uma relação com essas atividades nas aulas de Educação Física.

3.1. Educação: aspectos legais

Antes de iniciarmos a revisão de literatura sobre a Educação Física escolar e, mais especificamente, sobre as Atividades Físicas de Aventura (AFA), torna-se necessário, em um primeiro momento, analisarmos, de maneira breve, algumas leis que regem a educação no Brasil, para posteriormente contextualizarmos este componente curricular e o conteúdo das AFAs.

A Lei nº9.394, de Dezembro de 1996, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e caracteriza a Educação como um processo formativo que está presente no contexto familiar, nas instituições especializadas, nas relações com outras pessoas, em manifestações culturais e organizações sociais. Além disso, a lei estabelece que a Educação é dever da família e do Estado, estando atrelada aos princípios da igualdade e solidariedade.

De acordo com o art. 22 da LDB, a Educação básica composta do ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio têm como objetivo “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. (BRASIL, 2010, pag. 20).

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/BRASIL, 1998), documento que se apresenta como uma referência para uma educação de qualidade no nosso país, ainda é insatisfatória a situação da Educação no Brasil; indicadores mostram que ainda existe um grande trajeto para que ocorra uma melhora na Educação, fazendo com que o país não fique em desvantagem em relação aos outros nesse aspecto. Esses indicadores demonstram que devido às desigualdades sociais, algumas regiões possuem melhores condições que outras, o que acaba levando a baixos rendimentos escolares, e defasagem de idades e séries. Porém alguns dados

apontam avanços em relação ao atraso educacional, ocorrendo uma diminuição da taxa de analfabetismo e um aumento no número de matrículas em todos os níveis de ensino (BRASIL, 1998).

Esse fato nos mostra que o governo e os profissionais da área, que segundo o artigo 61 da LDB os profissionais habilitados para a Educação escolar Básica, são aqueles formados em nível médio ou superior para a docência, e que atendam as necessidades e especificidades dos diferentes níveis da Educação Básica, não estão desenvolvendo satisfatoriamente os objetivos e finalidades principais da educação como foi evidenciado acima no art. 22 da LDB.

Ainda cabe levantar, que de acordo com o artigo 26 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Educação Física passa a ser considerada, juntamente com a proposta pedagógica da escola, componente curricular da Educação Básica, sendo esta facultativa em alguns casos, tais como ao aluno com idade acima de trinta anos, alunos que estiverem prestando serviços militares. Posteriormente a lei 10.328 de dezembro de 2001 modificou a composição do artigo 26 da LDB, inserindo a palavra obrigatória após a expressão componente curricular, sendo a partir dessa data, a Educação Física, considerada “integrada à proposta pedagógica da escola como componente curricular obrigatório da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 2001). Cabe levantar que houve ainda a promulgação da lei 10.793 de 2003 que resgatou a questão da aula de Educação Física ser facultativa em alguns casos, fato que apresenta-se como um possível empecilho para a valorização deste componente curricular (BRASIL, 2003).

Mesmo assegurada por leis e regulamentações que regem a Educação brasileira, é evidenciado ainda uma série de problemas com relação à Educação Física escolar, sendo necessário assim um aprofundamento nas especificidades sobre este componente curricular.

3. 2. Educação Física Escolar

Agora, será contextualizada a Educação Física escolar, que é componente curricular obrigatório da educação Básica (ensino infantil, fundamental e médio), e conheceremos um pouco sobre o surgimento desta, suas modificações e diferentes abordagens ao longo da história.

De acordo com Darido (1999) a Educação Física na escola vem se modificando ao longo do tempo, tanto nos objetivos quanto nas propostas educacionais. Para Bracht (1999), a Educação Física escolar se iniciou como prática pedagógica nos séculos XVIII e XIX, por uma forte influência da instituição militar e da medicina. Nessa época a promoção de saúde e a Educação para a saúde estavam relacionadas com a Educação do corpo. O corpo era comparado a uma estrutura mecânica, e fonte de estudos das ciências biológicas, ocorrendo assim uma visão mecanicista do mundo relacionada ao corpo. Foi nesse contexto que nasceu uma Educação Física que atendesse a função de contribuir para a formação de corpos saudáveis e domados, que utilizava de uma Educação estética de acordo com a política nacionalista e tendo como base o conhecimento médico do corpo. (BRACHT, 1999).

Mais tarde a Educação Física passa a adquirir um caráter mais esportivista, o esporte passa a ser de alto rendimento, visando, por exemplo, a preparação de representantes para o país em campeonatos em níveis mundiais (BRACHT, 1999). De acordo com Darido (1999) nesse contexto, o governo passa a investir muito nesse campo, fazendo com que a Educação Física escolar tivesse como objetivo e conteúdo os esportes.

Já nos anos 1980, com diversas críticas ao modelo esportivista pelos meios acadêmicos e com a redemocratização do país, além de alguns fatores que influenciaram o contexto da Educação Física na época como a abertura de cursos de pós-graduação no país, ida de professores para cursar pós-graduação em universidades internacionais, relativo aumento do número de publicações científicas e congressos na área, entre outras, a Educação Física passa a assumir um caráter mais científico, num novo contexto político-social (DARIDO, 1999 e BRACHT, 1999).

Novas abordagens surgem em contraposição as já citadas, abordagens estas inspiradas em um novo cenário histórico e social do país, com a perspectiva de rompimento com o modelo mecanicista que surgiu como embasamento da Educação Física. Sendo elas: abordagem desenvolvimentista, interacionista-construtivista, crítico-superadora e sistêmica (DARIDO, 1999).

Nesta perspectiva é importante conhecer um pouco sobre as principais abordagens da Educação Física. Começando com a abordagem desenvolvimentista, que tem como principal autor Go Tani, e apresenta como objeto principal de estudo o movimento. De acordo com o autor: “como se sabe, o movimento é o elemento

fundamental que possibilita a interação do ser humano com o meio ambiente e, portanto, o seu não desenvolvimento tornaria a educação da criança seguramente incompleta” (TANI, 2001, p.112). O autor ainda enfatiza que é necessária a repetição do movimento para que o ser humano se desenvolva.

De acordo com Gallahue (2008) a finalidade da Educação Física desenvolvimentista é o aprendizado do movimento, sendo este o meio pelo qual ocorrerá o processo de ensino-aprendizagem. Fica evidenciada assim a grande importância do movimento no ensino, para que por meio dele seja caracterizada uma progressão e hierarquização do desenvolvimento motor das crianças.

Em relação à abordagem construtivista-interacionista, esta apresenta como principal autor João Batista Freire, tem base na psicologia e sua finalidade é a construção do conhecimento pela cultura popular, jogo e lúdico (DARIDO, 1999). De acordo com Freire (2009) a escola tem o papel de formação da criança, de modo que esta esteja capacitada para exercer sua função na sociedade. O autor ainda afirma que são muitas as possibilidades da cultura infantil compostas por movimentos, jogos, fantasia, que deveriam ser levados em consideração no processo de ensino-aprendizagem pelas instituições e que na maioria das vezes não ocorre nem nas instituições e nem mesmo na Educação Física, que teria por objetivo ser conhecedora em atividades lúdicas e em cultura para a infância. (FREIRE, 2009).

Segundo Darido (1999) essa abordagem é vantajosa por permitir uma interação entre uma ampla proposta pedagógica e integrada da Educação Física, além de considerar as vivências e experiências dos alunos. Fato este que torna o processo de ensino-aprendizagem mais fácil e motivante, pois os alunos conseguem aprender com base no que eles já possuem de conhecimento e de uma maneira mais divertida, pelo fato da abordagem levar em consideração o caráter lúdico nas atividades.

A abordagem crítico-superadora, foi elaborada por um grupo de autores, que elaboraram uma metodologia da Educação Física que auxiliasse o professor, levando em consideração aspectos da realidade vivida na escola e que proporcionasse assim uma melhor Educação Física escolar (SOARES et al., 1992). Entre os autores está Valter Bracht que defende que esta abordagem possibilita trabalhar e levantar aspectos críticos a respeito de temáticas das formas culturais de movimento. (BRACHT, 1999). A proposta dessa abordagem segundo Darido (1999)

tem como base o discurso de justiça social e como objetivo a transformação social. Ela é importante, pois ajuda no entendimento da realidade em que o aluno está inserido, e permite que este tenha sua própria leitura social.

E por fim a abordagem sistêmica, defendida por Mauro Betti, que assim como a abordagem crítico-superadora, leva em consideração aspectos sociais e tem como objetivo a transformação social. Betti (2002) afirma que a Educação Física deve se responsabilizar pela formação de um cidadão que perante novas formas de movimento possa ser capaz de se posicionar-se criticamente. O autor ainda afirma que:

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. A integração que possibilitará o usufruto da cultura corporal de movimento há de ser plena – é afetiva, social, cognitiva e motora (BETTI, 2002, p.75).

De acordo com Darido (2008), foram evidenciadas nos dias atuais outras maneiras de organização da proposta pedagógica em Educação Física, sendo possível identificar novas tendências, que são psicomotricidade, crítico-emancipatória, saúde renovada e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Fato este que mostra o contínuo processo de mudança nos objetivos e propostas no campo da Educação Física escolar.

E de acordo com Darido e Souza Junior (2007) e Brasil (1998), entende-se que para alcançar os objetivos propostos nas aulas de Educação Física escolar devemos trabalhar as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais. A dimensão conceitual se refere ao conhecimento do tema proposto, os aspectos históricos, os locais de prática, os modos corretos de execução, e os objetivos. A dimensão procedimental se refere ao fazer e como fazer, sendo realizada a vivência de fundamentos e técnicas do tema. E por fim a dimensão atitudinal, que diz respeito a valores, como ética no esporte, respeito com o meio ambiente, respeito a adversários e a regras estabelecidas.

3. 3. Atividades Físicas de Aventura

Para entendermos a relação das Atividades Físicas de Aventura (AFAs) com a Educação física escolar é necessário primeiramente compreendermos as

diferentes denominações, como estas atividades surgiram, suas finalidades, e modalidades, sendo este capítulo dedicado a esse entendimento sobre as AFAs.

São diversas as denominações de atividades relacionadas à aventura e à natureza. De acordo com Franco (2008) essas atividades já foram conhecidas como esportes californianos, esportes tecnológicos, esportes em liberdade, esportes selvagens, esportes radicais, esportes de ação, e esportes alternativos. Na visão de Bétran (2003) denominado como Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) as atividades realizadas em meio natural, que envolvam o risco controlado e o lúdico. Já Marinho e Schwartz (2005) prefere utilizar Atividades de Aventura, as compreendendo como práticas esportivas de diferentes manifestações, realizadas no momento de lazer e que possuem características específicas. Existindo ainda outras denominações que não serão elencadas.

Essas atividades passaram por diferentes nomenclaturas e ainda não existe um consenso em relação a uma denominação específica, e sim um conjunto de nomenclaturas na visão de diferentes autores que fazem com que ocorra um entendimento global sobre o assunto em questão. Nesse estudo denominaremos essas atividades como Atividades Físicas de Aventura, de acordo com a perspectiva de Franco (2008), em que o termo é suficientemente amplo para ser utilizado no contexto escolar e proporcionar a abordagem de diferentes modalidades e intenções de prática, estando presentes também aspectos que proporcionem sensações e emoções através do risco controlado e do lúdico, bem como a visão de Bétran (2003) acima citado.

Na nossa visão, Atividades Físicas de Aventura é o termo mais adequado por abranger, como já foi dito acima, diferentes atividades e manifestações, envolvendo o risco, o lúdico, o ambiente natural bem como o artificial e este pode sofrer adaptações para ser aplicada na escola. Nessa perspectiva Franco (2008) as define como:

(...) práticas corporais que aliam o prazer e atributos da Cultura Corporal de Movimento a uma outra visão, um outro estilo de vida fora do cotidiano, que integra o homem, e sua tecnologia, ao meio natural e urbano, utilizando o universo do jogo e suas concepções no contexto do lazer, na competição e no lúdico, com atividades de risco controlado e à conscientização da necessidade de preservação ambiental, utilizando, principalmente, as energias da natureza como desafios a serem vencidos. (FRANCO, 2008, p. 105).

As Atividades Físicas de Aventura são recentes na cultura esportiva, sendo difundidas e ganhando adeptos principalmente a partir da década de 1990, com

auxílio da mídia na divulgação dessas atividades como lazer e turismo. Porém as diferentes práticas corporais que compõem o universo das Atividades Físicas de Aventura (AFAs) estão presentes na sociedade há bastante tempo (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

De acordo com Zimmermann (2006), as Atividades Físicas de Aventura surgiram por meio de manifestações lúdicas e esportivas ligadas ao meio ambiente, devido ao afastamento do homem desse meio por causa das novas tecnologias que emergiram com a modernidade. Tais mudanças transformaram as cidades em grandes centros, nos quais é possível encontrar qualquer tipo de tecnologia desejada, incluindo jogos e brincadeiras, afastando os homens de um contato mais direto com o meio ambiente.

Segundo Marinho e Schwartz (2005) o desenvolvimento das Atividades Físicas de Aventura é crescente, e estas apresentam como locais de desenvolvimento os meios naturais, e representam práticas alternativas e criativas do homem, sendo diversas as modalidades existentes. E adicionamos ainda o crescimento daquelas práticas que ocorrem nos meios urbanos e artificiais como skate, escalada indoor, patins entre outras modalidades.

As Atividades Físicas de Aventura são classificadas segundo Franco (2008) como:

- Modalidades terrestres, que seriam a caminhada (trekking), escalada, skatismo, mountain bike, caving (exploração de cavernas), esqui, montanhismo.
- Modalidades aquáticas, como canoagem, rafting, mergulho, surfe, windsurf, kitesurf.
- Modalidades aéreas que seriam pára-quedismo, balonismo, vôo livre, bungee jump, entre outras.

Pereira e Armbrust (2010) classificam as AFAs ou esportes radicais em: aquático, aéreo, terrestre, misto (que envolve modalidades que podem estar em duas categorias como o kitesurf) e urbano. Preferimos classificá-las de acordo com Franco (2008), mas levando em consideração que nas categorias estão tanto às atividades realizadas em meio natural quanto às realizadas em meio urbano ou artificial e que existem os esportes que se enquadram em duas categorias ao mesmo tempo, assim como proposto por Pereira e Armbrust (2010) e Bétran (2003).

Dado a grande abrangência de manifestações que podem ser relacionadas às AFAs na sociedade contemporânea e uma vez que o programa implementado na escola buscou abordar especificamente apenas algumas dessas práticas, é importante conhecê-las de modo mais aprofundado. Assim, será explorado as modalidades: surfe, parkour, corrida de orientação e skate, pois estas foram as selecionadas para serem implementadas na escola para a realização da presente pesquisa.

Parkour

O Parkour surgiu na França, no final do século XX e teve como precursor David Belle, francês que praticava várias modalidades de ginástica e ao assistir vídeos de seu pai, na época do exército, observou as habilidades de deslocar-se rapidamente, transpor obstáculos e aterrissar com eficiência, e as aprendeu. David modificou essas habilidades para utilizar em seu dia a dia na locomoção para os destinos que queria. Esse fato começou como um divertimento e exercício para as suas habilidades, mas muitas pessoas começaram a imitar os movimentos e a praticá-los (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

A palavra parkour se traduz como percurso. Na realização dessa prática são necessárias roupas confortáveis e que permitam o movimento e calçados baixos para evitar possíveis torções. Os grupos de praticantes geralmente se reúnem em praças e parques para a realização da modalidade e são conhecidos como clãs, os praticantes são conhecidos como *traceurs* (homens) e *traceuses* (mulheres). Existem alguns movimentos básicos de: transposições ou passagens sobre os obstáculos, com apoio das mãos, com giro, e com as pernas entre os braços; deslocamentos e saltos, tic-tac e salto de precisão; e movimentos de aterrissagens, com amortecimentos com os membros inferiores e rolamentos. Nessa prática é fundamental que os praticantes conheçam e respeitem seus corpos e seus limites para evitar lesões (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

Skate

Existem diferentes relatos em relação à origem do skate, porém relata-se que a prática estaria relacionada a uma madeira com rodas e com caixas de laranja fixadas que serviam como meio de locomoção. Existe ainda uma aproximação da prática do skate com a do surfe, sendo denominado como “surfe de calçada”.

O skate é um esporte acessível e uma forma de buscar identidade presente nos grupos de praticantes, além de se associar ao lúdico, a aventura e ao risco controlado. As práticas regulares presentes no esporte são: street, Freestyle, slalon, vertical, down Hill, higt jump, speed, Banks, park,e especiais – big air. Para a realização da modalidade é necessário capacete, cotoveleiras, luvas, protetores de punhos, protetor de quadril, joelheiras e tênis. Ainda é necessário ferramentas de ajustes do skate, vela e mochila especial.

O skate é composto por: shape, lixa, mesa, truck, parafusos, rolamentos e rodas. Na modalidade existem algumas diferenças em relação aos tipos de pista e aos tipos de obstáculos na modalidade vertical, *down Hill* e na *street*. O aprendizado do esporte se dá normalmente de maneira gradativa, começando com manobras básicas, depois intermediarias e por fim avançadas. Alguns exemplos de manobras: *frontside, backside, slide, ollie, varial, 180°, 360°*, entre outras (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

Corrida de orientação

As corridas de orientação podem apresentar diferentes modalidades como, por exemplo, corrida de aventura, enduro a pé e *trekking*. São praticadas em equipes, em meio à natureza ou no ambiente urbano, em que os praticantes precisam encontrar pontos e, para isso, utilizam-se bússolas e mapas para orientação do percurso que possuem como objetivo e devem percorrer no menor tempo possível. As equipes devem percorrer pontos de controle (PCs), que ficam dispostos na região de forma estratégica, e ainda recebem auxílio externo somente nas áreas de transição (ATs), onde se encontram uma equipe de apoio para fornecer equipamentos e suprimentos necessários, e uma equipe médica.

A corrida de orientação é uma atividade que pode exigir bastante condicionamento físico de seus praticantes, portanto deve-se treinar força, resistência e até potência, pois algumas provas requerem velocidade e resistência. Porém ela pode também ser de regularidade, ou seja, exige mais estratégias e compreensão dos tempos e das distâncias a serem percorridas. Por ser uma atividade de desgaste corporal é necessário atenção à alimentação e hidratação. Alguns equipamentos importantes para a realização da pratica: apito, bússola, capacete, cobertos de sobrevivência, kit de primeiros socorros, lanterna ou *head-lamp, light stick*, porém determinados equipamentos só são necessários dependendo

do tipo de prova, por exemplo, provas mais longas ou que ocorrem a noite, etc. (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

Surfe

Segundo Gutemberg (1989) o surfe teve suas origens a cerca de sete mil anos a partir de povos polinésios que viviam na costa do oceano pacifico, habitavam regiões banhadas por mares, que apresentava um clima tropical, e quente na maior parte do ano e tinham a navegação como atividade natural. Os polinésios em suas jornadas marítimas orientavam-se utilizando como referência de rota o sol, a lua e as estrelas, além da direção das ondulações e da migração dos pássaros marinhos. Esses saberes foram passados entre as gerações, permitindo dizer que o deslocamento de suas pequenas embarcações sobre as ondas para retornar as ilhas iniciou o surfe, e a população, principalmente crianças e jovens, utilizavam o surfe como forma para de diversão.

Ainda de acordo com Gutemberg (1989), o ocidente tomou conhecimento do costume por intermédio de James Cook, capitão da marinha real britânica, que em 1778 aportou primeiramente em Waimea Bay e se deparou com a incrível cena de homens flutuando sobre as águas. O capitão comentou que eles se deslizavam nas ondas com extrema habilidade, utilizando pedaços de árvores cortadas e pareciam estar de divertindo, brincando (GUTEMBERG, 1989).

É apontado pela literatura que foi o havaiano Duke Paoa Kahanamoko quem possibilitou a popularização desse esporte, considerado o pai do surfe moderno e o grande embaixador do esporte de todos os tempos, o qual ganhou algumas medalhas olímpicas na natação, tendo participando de quatro olimpíadas. Em 1912, nas olimpíadas de Estocolmo, na Suécia, Duke foi recordista, ganhando uma medalha de ouro na natação, abrindo, assim, paralelamente também as portas para o surfe (GUTEMBERG,1989).

Segundo Pereira e Armbrust (2010), em 1915, Duke visitou a Austrália para exposições de natação, pois era considerado um dos melhores do planeta, e aproveitou para apresentar o surfe ao povo australiano pela primeira vez. De acordo Duarte (2000), pelo fato de Duke ter muita popularidade, devido às medalhas e por ter um ótimo desempenho no mar, proporcionaram a expansão do esporte por onde ele passou.

De acordo com Pereira e Armbrust (2010), as pranchas são divididas ao meio, rabeta e bico. Em cada uma dessas partes existem ajustes que podem dar mais velocidade, fluidez, maior dirigibilidade e permitir mais leveza nas manobras. Além desses fatores, as pranchas são classificadas por tamanhos e características proporcionando maneiras distintas de surfar.

Quanto aos tipos de pranchas e as maneiras de surfar, no parecer de Pereira e Armbrust (2010) há as *Longboard*, as quais são modelos clássicos e maiores, possuindo uma maior área e flutuação, e variam entre 9 e 10 pés. Segundo Bandeira (2010) é a modalidade de surfe em pé, em que as manobras são mais lentas e elegantes, remetendo às origens Havaianas e as primeiras manobras executadas por surfistas americanos.

Para Pereira e Armbrust (2010), a *Funboard* é um modelo intermediário que varia entre 7,5 e 8,5 pés, sendo indicada para a iniciação de crianças porque suas bordas não são tão largas. Já as *Shortboard*, também conhecidas como surfe de “pranchinha”, são as pranchas mais convencionais que variam entre 5 pés ou até maiores, chegando aos 12 pés; cada detalhe de rabeta, quilha, fundo, concavidade influenciará muito na prática; essa é a modalidade mais conhecida (PEREIRA, ARMBRUST, 2010).

Há ainda de acordo com os mesmos autores, outros modelos, como a *Bodyboard*, as quais são menores, possibilitando surfar deitado; a prancha fica presa no braço do surfista e é um bom aprendizado para entender a velocidade das ondas e fazer batidas de pernas. A *Gunboard*, que possuem a frente bem bicuda para projetar velocidade, são modelos maiores e são usadas para ondas grandes, variando em tamanho de 8 a 10 pés. Segundo Bandeira (2010) esses tipos de pranchas são utilizadas nas modalidades *stand-up*, em que se rema sempre em pé com o auxílio de remos, para pegar ondas, e para o *tow-in* (surfe de ondas gigantes), que foi desenvolvido com o auxílio do Jet ski, que reboca o surfista já em pé, e com os pés fixos na prancha por alças, para pegar a onda. As manobras iniciais são: remada, giros, tartaruga, joelhinho e dropping.

O surfe, ainda, é considerado por muitos de seus praticantes mais que um esporte, sendo também um estilo de vida em que seus praticantes apresentam um contato com a natureza, em estreita relação e sintonia com o mar. Os praticantes estão em busca de tranquilidade, de paz, e felicidade, adotando assim uma vida mais calma e simples. A competição para muitos, é uma consequência do esporte,

uma necessidade ou mesmo uma preferência, mas não é a primeira nem a única motivação para praticá-lo (BANDEIRA, 2010).

Destaca-se, finalmente, que as Atividades Físicas de Aventura possuem ainda muitos benefícios, como o extravasamento e controle dos níveis de estresse, novas formas de atividades que fogem do cotidiano das pessoas, proporcionam novas emoções e sensações, melhoram os aspectos físicos e psicológicos, oportunizam maiores interações com a natureza e possibilitam algumas formas de aprendizagem por meio da prática. Ainda, as AFAs podem se dar a tal ponto que se tornem estilos de vida e não somente a execução da prática em si, mas levando em consideração todos os valores à ela atrelados (SCHWARTZ, 2006).

3. 4. Atividades Físicas de Aventura no contexto escolar

Como entendemos que a Educação Física deve proporcionar que o aluno esteja integrado e introduzido na cultura de movimento, fica evidente que sendo as Atividades Físicas de Aventura assim como os esportes tradicionais parte da cultura de movimento, sua inserção na escola se torna importante, e necessária. Levando também em consideração a proposta dos PCN (BRASIL, 1998) que a Educação Física deve formar o aluno cidadão de modo que este esteja preparado para a sociedade é importante o conhecimento das diferentes manifestações relacionadas à Educação Física, para que ele tenha possibilidades diversificadas para preencher seu tempo livre, e utilizá-las como lazer. (FRANCO, 2008).

Os PCN (BRASIL, 1998) propõem ainda o desenvolvimento dos temas transversais, sendo eles Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Trabalho e Consumo, e Orientação Sexual, temas estes relacionados com problemas sociais. Sendo a principal função do tema meio ambiente oferecer condições para que os alunos se tornem cidadãos conscientes em relação ao ambiente, se faz necessário que a escola atue de forma a proporcionar valores, informações, conceitos, e até mesmo vivências, ficando assim evidenciado que as Atividades Físicas de Aventura, de acordo com Figueiredo et al. (2010) são importantes para o trabalho de Educação ambiental, se tornam propostas muito interessantes no cotidiano escolar. (BRASIL, 1998).

De acordo com Marinho e Schwartz (2005) as Atividades Físicas de Aventura ainda são pouco valorizadas e por isso sofrem no processo de implementação no contexto escolar. Além de enfrentarem diversas barreiras, como por exemplo, a falta

de formação profissional que atenda aos conhecimentos mínimos necessários dessas práticas, a falta de recursos físicos disponíveis na escola para a realização das atividades, e até mesmo falta de espaço, e estrutura na escola. Esses problemas dificultam a realização das AFAs no contexto escolar, mas não as torna impossíveis de serem implementadas, tendo como exemplo desse fato o Referencial Curricular do Estado de Rondônia (RONDÔNIA, 2010), que apresenta como proposta para o eixo temático meio ambiente e diversidade cultural o desenvolvimento de Atividades Físicas de Aventura.

Nessa perspectiva defendemos as AFAs como conteúdo da Educação Física escolar, por acreditarmos que essas práticas proporcionem vivências e sensações novas, que auxiliam no desenvolvimento integral do aluno (afetivo, social, cognitivo e físico) mesmo estas práticas segundo Franco (2008), tendo que ser apresentadas de forma adaptada, devido à falta de estrutura escolar ou recursos disponíveis. Além disso, elas permitem a ampliação do repertório de conteúdos da cultura corporal de movimento nas aulas de Educação Física, que comumente restringem-se a algumas modalidades esportivas, limitando a apropriação crítica dos alunos às diversas manifestações relacionadas a essas práticas.

4. MÉTODOS

4. 1. Participantes

Inicialmente houve a participação constituída por uma turma de 18 alunos da sexta série, atual sétimo ano, com idades entre 12 e 13 anos, de uma escola da rede pública estadual de ensino de São Paulo da cidade de Rio Claro.

Além disso, o professor, de 28 anos, da referida turma acima mencionada também compõe o rol de participantes do presente estudo. Este professor é funcionário público estadual, docente da escola. Esse professor foi formado pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP), e acompanhou todo o processo de implementação do programa sobre AFA ministrado.

Finalmente, foram consideradas enquanto participantes do estudo três alunas bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP), que desenvolvem projetos referentes ao PIBID na escola, sendo que duas alunas cursam licenciatura em geografia e uma que cursa pedagogia. As participantes possuem idade entre 20 e 24 anos.

4. 2. Implementação do material

Foi implementado um programa com a duração de um mês sobre a temática das Atividades Físicas de Aventura (AFA) na escola, com quatro aulas de diferentes temáticas referentes a esse conteúdo, sendo eles: parkour, skate, corrida de orientação e surfe, objetivando proporcionar aos alunos vivências dos conteúdos propostos. Após a implementação do plano foi realizada uma entrevista com o professor, para que este apontasse aspectos positivos e negativos durante o processo de implementação do programa. Foi aplicado também um questionário aos alunos participantes, para saber suas opiniões e impressões acerca do processo de implementação das aulas. E, por fim, foi feita uma entrevista por meio de grupo focal com as bolsistas do PIBID para levantar aspectos relevantes à organização, planejamento e execução do projeto de aulas.

Os participantes do estudo, professor de Educação Física e bolsistas do PIBID, receberam um termo de consentimento, sendo estes diferentes entre si e com os devidos esclarecimentos. As possíveis dúvidas puderam ser sanadas durante o andamento do projeto.

Em relação aos alunos, foi exposto o projeto, e com os pais daqueles que apresentaram interesse em participar, foi feita uma reunião para esclarecer o projeto, possíveis dúvidas e para que os pais, sendo os responsáveis dos alunos, autorizassem a participação dos mesmos no projeto. Todos os procedimentos foram autorizados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Biociências da UNESP – Rio Claro sob protocolo número 10074 e data de registro 15.12.2011.

4. 3. Entrevista semi estruturada

Segundo Marconi e Lakatos (1982), a entrevista tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado sobre determinado assunto ou problema tendo inúmeras vantagens, tais como, poder ser utilizada com todos os segmentos da população, além da possibilidade de se conseguir informações mais precisas e que possam ser quantificadas. Thomas, Nelson e Silverman (2007) consideram ainda que as entrevistas em geral produzem dados mais válidos devido ao contato pessoa e à oportunidade de certificar-se de que os entrevistados compreenderam as questões.

Para Triviños (1987) a entrevista semi-estruturada, parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, oferecendo um amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que surgem, à medida que recebem as respostas do informante.

Dessa forma, após a realização do plano de aula o professor de Educação Física participou de uma entrevista semi-estruturada, para levantamento de suas opiniões, os aspectos positivos e negativos considerados por ele em relação às aulas aplicadas e sobre a possibilidade da inclusão das AFAs na Educação Física escolar.

4. 4. Aplicação do questionário

Segundo Thomas, Nelson e Silverman (2004), o questionário é um método de *survey*, ou seja, de técnica de pesquisa descritiva que procura determinar práticas ou opiniões presentes em uma população específica. Ele é um tipo de levantamento por escrito utilizado normalmente em pesquisas descritivas, no qual se pede aos participantes para que eles respondam às questões estabelecidas (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2004).

Desse modo, os alunos responderam a um questionário elaborado sobre as atividades aplicadas, em relação à opinião deles sobre as atividades, aspectos positivos e negativos, se o tema foi interessante, sobre a implementação das AFAs na escola, entre outras questões relacionadas ao processo.

4.5. Grupo focal

De acordo com Powell e Single (1996, apud GATTI 2005, p. 7), grupo focal pode ser definido como “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”. Neste sentido, segundo Morgan e Krueger (1993, apud GATTI, p. 9) a finalidade do grupo focal é discutir e compreender sentimentos, experiências, opiniões, entre outros aspectos relevantes ao estudo por meio de trocas de informações.

Portanto foi realizado um grupo focal com as alunas do PIBID, para que estas, por meio de suas próprias experiências, opinassem sobre aspectos referentes à implementação do plano de aulas, a organização do mesmo, e sobre a inserção das AFA no contexto escolar.

4.6. Análise dos resultados

Triviños (1987) propõe que os resultados, para que tenham valor científico, devem reunir certas condições, dentre elas a coerência, a consistência, a originalidade e a objetivação. Além disso, o conhecimento do pesquisador sobre os aspectos fundamentais do problema que está sendo estudado também deve ser avaliado a cada instante da pesquisa, aprofundando-se nas informações.

Desta maneira foi realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 1991), um instrumento metodológico com o potencial de aplicação a discursos diversos e que visa compreender estruturas e modelos submersos nos fragmentos de mensagem, codificando-as, classificando-as e categorizando-as. Houve ainda o cruzamento das informações referentes às diferentes formas de análise dos dados, para que se pudesse ampliar as formas de compreensão dos fenômenos investigados.

Foi realizada ainda uma análise descritiva dos dados investigados, por meio da computação de porcentagens, com a finalidade de sistematizar e distribuir as informações obtidas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor apresentação didática e discursiva dos resultados bem como melhor forma de análise e discussão, houve a divisão dessa sessão em três categorias, sendo elas: descrição do programa de AFAs; análise dos questionários dos alunos; análise da opinião do professor e das bolsistas. Cada categoria pode ser visualizada separadamente a seguir.

5.1. Descrição do programa de AFA

O programa das AFAs foi constituído de quatro encontros, sendo cada um deles de aproximadamente 80 minutos. Os encontros ocorreram durante as aulas de Educação Física do sétimo ano III, que ocorriam às segundas-feiras das 12:30 às 13:50. Cada encontro foi referente a um tema pertencente às AFAs. As aulas foram divididas em primeira parte, que consistia em uma parte mais conceitual, em que era explicado aos alunos sobre o tema a ser desenvolvido de maneira simples e levando em consideração os conhecimentos que os alunos possuíam, havendo assim uma interação entre o professor e os alunos, e era apresentado vídeos sobre a modalidade para uma melhor visualização da mesma. Já na segunda parte, era realizada a parte mais prática, em que foram propostas algumas atividades que proporcionassem a vivência dos alunos naquela modalidade, levando em consideração os conhecimentos na primeira parte da aula.

No primeiro encontro foi implementada a aula de Parkour. Na primeira parte foi explicada a origem da modalidade, a vestimenta adequada, os movimentos básicos e foram apresentados alguns vídeos. Na segunda parte foram realizadas as seguintes atividades: um percurso que os alunos tinham que realizar as orientações passadas pelo professor. Durante esse trajeto os alunos realizaram alguns movimentos básicos do parkour; uma brincadeira de pega-pega com alguns obstáculos dispostos no caminho, como por exemplo, um banco, e uma mesa, e, por fim, os alunos foram divididos em grupos, sendo que cada grupo teve que montar um percurso e apresentá-lo para os demais alunos e professores.

No segundo encontro foi implementada a aula de skate. Na primeira parte foi explicado sobre a origem, as modalidades existentes, os equipamentos necessários, os componentes do skate, as manobras, e por fim a apresentação dos vídeos. Na segunda parte foram realizados: um pega-pega com obstáculos (para lembrar a

aula de parkour e aquecer); em duplas, os alunos tinham que, um sentar no skate e o outro empurrar em uma linha reta e depois invertia os alunos; em duplas e em pé no skate, um aluno auxiliando o outro com o apoio das mãos; sozinhos, tinham que vivenciar e descobrir o andar de skate e, finalmente foi realizado um percurso que os alunos tinham que percorrer (com curvas e zigue-zagues).

No terceiro encontro foi implementada a aula de corrida de orientação. Na parte teórica foi explicado como ocorria a corrida, os equipamentos básicos, a importância de um bom condicionamento físico, da alimentação e da hidratação durante provas longas, a origem e os aspectos técnicos da corrida, por exemplo, como interpretar o mapa, etc., e ainda foram expostos os vídeos. Na segunda parte da aula foi realizada uma corrida, embora de forma simplificada, em que existiam alguns pontos na escola, onde os alunos deveriam chegar por meio da interpretação do mapa e nesses pontos tinham que realizar uma tarefa, por exemplo, realizar um percurso de obstáculos ou mesmo responder algumas questões, para que pudessem continuar realizando a prova e seguindo para os próximos pontos.

No último encontro, foi implementada a aula de surfe. Na primeira parte foi apresentada a origem, as diferentes modalidades, os equipamentos necessários, os componentes de uma prancha, as manobras e seus respectivos nomes, algumas gírias comuns entre os praticantes e a apresentação de pequenos vídeos das modalidades mais praticadas no mundo. Na segunda parte da aula cada aluno ficou com um colchonete (a prancha) e foram ensinadas algumas posturas e ações básicas com seus nomes; após esse momento ao comando do professor os alunos tinham que realizar o respectivo movimento; e por fim foi realizado um pega-pega adaptado, levando em consideração a vivência do surfe.

Após a implementação de todas as aulas foi aplicado um questionário para os alunos, uma entrevista com o professor de Educação Física e um grupo focal com as alunas bolsistas do PIBID sobre a implementação do programa de AFAs realizado.

5.2. Análise dos questionários dos alunos

Foi questionado aos alunos o que eles acharam das aulas sobre as AFAs e em geral eles acharam as aulas “muito legais e interessantes”, como é possível observar na própria fala da maioria dos alunos. O aluno 6 respondeu “foram muito legais e eu aprendi várias coisas”, o aluno 8 ainda apresentou a seguinte resposta “foi muito legal, porque sempre aprendemos vôlei, futebol e com essas aulas

aprendemos coisas novas e saímos da rotina”. Os resultados mostraram que os alunos gostaram do programa implementado de AFAs. Além disso, os resultados indicaram que na opinião dos alunos é importante vivenciar diferentes manifestações corporais, para que eles possam ampliar seu leque de conhecimentos e fugirem um pouco da rotina, como os próprios alunos afirmaram em suas respostas e como também é afirmado por Betti (2002), seguindo ainda de encontro com as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

Foi questionado aos alunos quais das aulas aplicadas foi a mais interessante (gráfico 1) e qual foi a menos interessante (gráfico 2) na opinião de cada um. Pode-se verificar os resultados nos dois gráficos a seguir:

Gráfico 1 – Aula mais interessante.

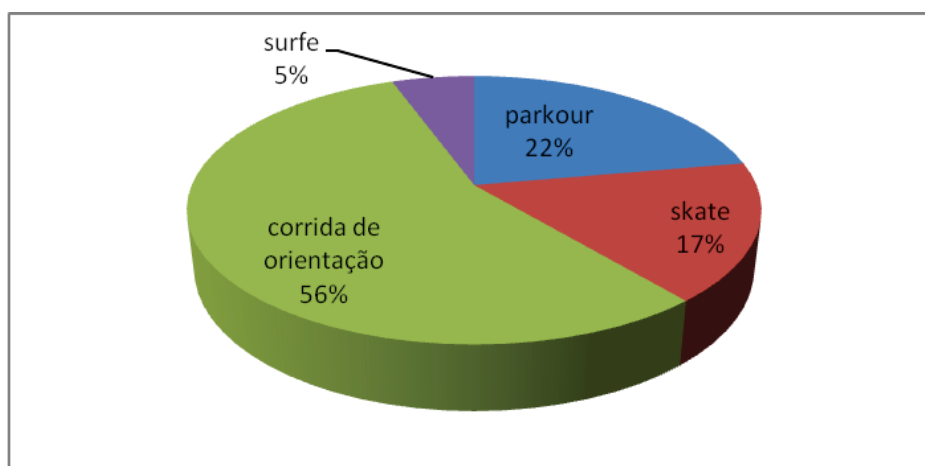
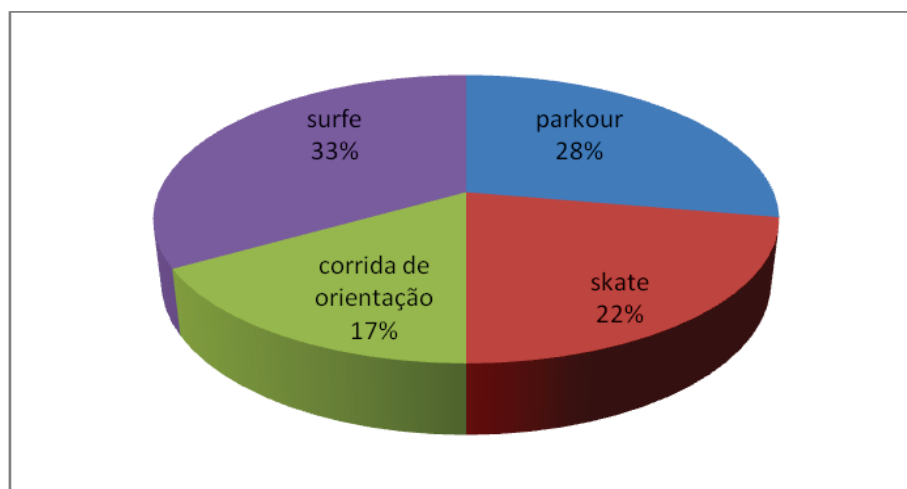


Gráfico 2 – Aula menos interessante.



Pode-se observar que a aula apontada como a mais interessante foi a aula de corrida de orientação, talvez pelo fato de ser uma aula bem diferente da realidade em que os alunos estão inseridos e por muitos alunos afirmarem nunca terem tido a vivência nesta temática anteriormente. A corrida de orientação pode ser considerada uma atividade na qual todos os alunos apresentam condições de participar, pois é uma prática mais simples, uma vez que o sujeito pode realizá-la de acordo com suas capacidades, por exemplo, ou andando ou correndo, de modo a sentir-se confortável com a prática. Além disso, proporciona desafios aos alunos, fazendo com que sejam motivados e, conseqüentemente, gostem dessa modalidade. Ainda há a questão de ser uma atividade realizada em grupo, favorecendo a interação entre os alunos.

Em relação à aula menos interessante, os alunos apontaram a aula de surfe, fato este que pode ter ocorrido devido à falta de infraestrutura oferecida pela escola, fazendo com que fossem necessárias muitas adaptações para que a mesma ocorresse, fato que pode ter deixado a aula menos atraente.

Uma outra questão buscou levantar se os alunos encontraram alguma dificuldade durante as aulas, e a grande maioria afirmou não ter encontrado. Um aluno apontou dificuldade na aula de parkour, outro na aula de skate e outros dois na aula de corrida de orientação, porém os quatro alunos apontaram pouca dificuldade em relação às aulas.

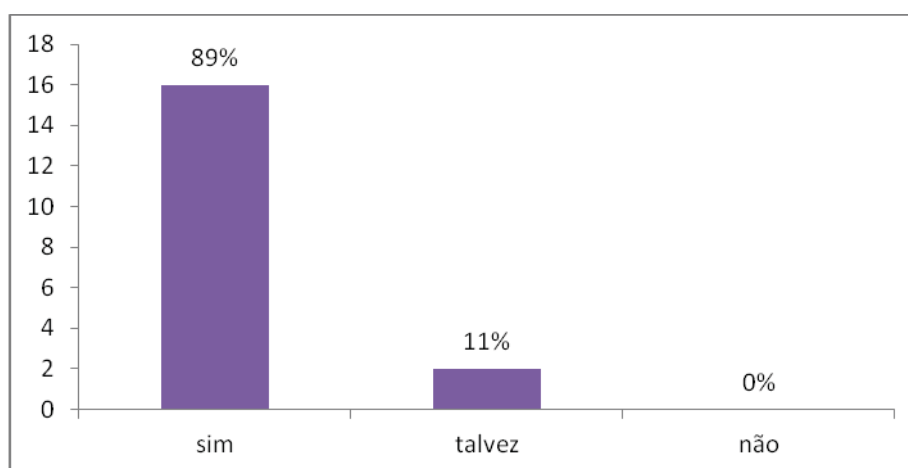
Referente às dificuldades das aulas de parkour e skate, estas podem ter ocorrido por serem modalidades diferentes e que utilizam muito o corpo para a sua realização. Já na aula de corrida de orientação a dificuldade pode ter se dado ao fato da exigência de um mínimo de condicionamento físico, por ser necessário para a realização da mesma.

Uma outra questão levantou a opinião dos alunos em relação a ser interessante ter aulas de AFAs nas aulas de Educação Física, e os resultados podem ser observados no gráfico 3.

De acordo com os resultados apresentados, a grande maioria dos alunos acham interessante aulas sobre AFAs na Educação Física escolar o que pode se dar ao fato dessas atividades crescerem cada vez mais e apresentarem como locais de desenvolvimento os meios naturais ou artificiais, mesmo que sejam adaptados à escola, e representarem práticas alternativas e criativas do homem (MARINHO; SCHWARTZ, 2005).

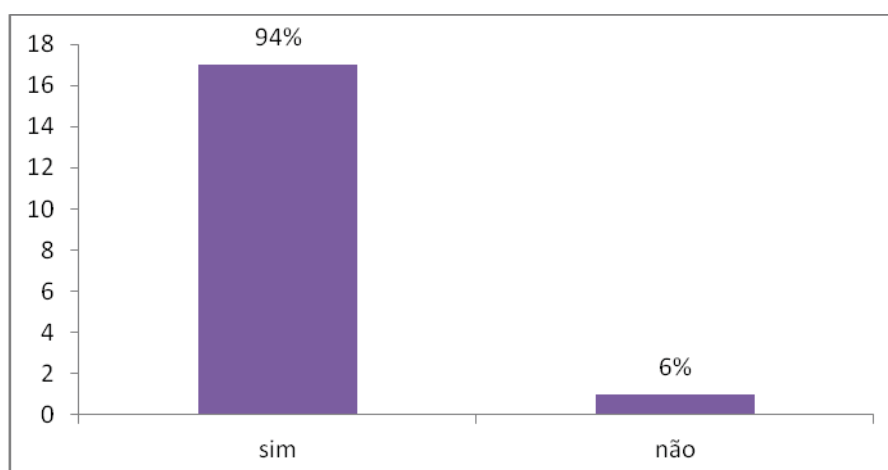
E ainda de acordo com Schwartz (2006), pelo fato das AFAs proporcionarem muitos benefícios, sendo eles, extravasamento e controle dos níveis de estresse, novas formas de atividades que fogem do cotidiano das pessoas, da sensação de novas emoções, melhora nos aspectos físicos e psicológicos, oportunidades de uma melhor interação com a natureza e possíveis aprendizados, influenciam os alunos ao interesse das mesmas nas aulas de Educação Física. Cabe ressaltar ainda a importância da inserção de mais conteúdos oriundos da esfera da cultura corporal de movimento além dos esportes como apontam Franco (2008) e Brasil (1998)

Gráfico 3 – AFAs nas aulas de Educação Física



Por fim foi indagado se os alunos acham que as AFAs é um tema possível de ser desenvolvido nas aulas de Educação Física, e o resultado segue no gráfico 4.

Gráfico 4 – Possibilidade das AFAs serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física



Os resultados do gráfico mostram que a grande maioria dos alunos acha possível o desenvolvimento das AFAs nas aulas de Educação Física. De acordo com Franco (2008) é defendida a inserção das AFAs na escola, mesmo que de maneira adaptada, devido ao fato do conhecimento e da vivência dessas diferentes modalidades levarem a sensações e experiências que desenvolvam aspectos afetivos, cognitivos e motor de seus praticantes. Ainda cabe levantar que de acordo com a proposta dos PCN (BRASIL, 1998) a Educação Física deve formar o aluno cidadão de modo que este esteja preparado para a sociedade sendo importante o conhecimento das diferentes manifestações relacionadas à Educação Física, para que ele tenha possibilidades diversificadas para preencher seu tempo livre, e utilizá-las como lazer, por exemplo. Nessa perspectiva as AFAs são manifestações da cultura corporal de movimento que devem fazer parte do repertório de conteúdos da Educação Física Escolar (FRANCO, 2008).

5.3 Análise das opiniões do professor e das bolsistas do PIBID

As respostas do professor e das alunas bolsistas do PIBID foram agrupadas por temática em comum, sendo a primeira em relação ao conteúdo do projeto, a segunda sobre a metodologia e a didática das aulas aplicadas e por fim, resultados e opiniões sobre a implementação do programa de AFAs.

5.3.1 conteúdo

Foi questionado se o professor e as alunas bolsistas PIBID consideravam as AFAs um conteúdo possível de ser trabalhado na escola e todas as respostas foram afirmativas, porém ressaltaram a necessidade de adaptações para que essas aulas possam ocorrer, devido à falta de infraestrutura da maioria das escolas e a falta de equipamentos de segurança. Como afirmou a bolsista 1 em sua fala “Atividades Físicas de Aventura é um tema possível de ser trabalhado, embora não exista espaço físico para tanto dentro das escolas, deve haver adaptações”. A bolsista 2 reforçou essa visão afirmando que “o tema é bem difícil de ser trabalhado devido a infraestrutura proporcionada e oferecida não somente por esta escola, mas pela grande maioria das escolas públicas, sendo necessário adaptações, mas é possível sim”. Finalmente a bolsista 3 apontou:

Eu acredito, que sim, que é possível a implementação das AFAs nas aulas de Educação Física, pois é um tipo de esporte que desperta a curiosidade e envolve os alunos a prática do mesmo, embora eu afirme ser necessário

apontar a importância dos equipamentos de segurança, frente aos riscos que esses exercícios podem causar. (BOLSISTA 3).

Por sua vez, foi apontado pelo professor de Educação Física a necessidade de toda a equipe escolar trabalhar em conjunto, direção, coordenação, professores e alunos, para que aulas sobre AFAs possam apresentar resultados satisfatórios. Esse discurso ilustra a importância da perspectiva do trabalho coletivo entre os diferentes agentes relacionados à escola, para que as propostas de intervenção possa ser mais significativas.

Ao referir-se às AFAs, Franco (2008, p. 32) aponta que “esse conhecimento e suas vivências proporcionam sensações e experiências que atingem o afetivo, o cognitivo e o aspecto motor de um jovem estudante, mesmo que sejam práticas apenas adaptadas”, o que mostra que mesmo sendo necessárias adaptações devido à falta de material e infraestrutura na maioria das escolas, essas práticas possuem um potencial em estimular a vivência e diferentes sensações aos alunos, como o próprio autor afirma “estimulam com desafios e superações de seus limites” (FRANCO, 2008, p. 33), mostrando que é interessante as AFAs serem introduzidas nas aulas de Educação Física, mesmo que de maneira adaptada.

É possível notar uma grande preocupação do grupo entrevistado em relação à infraestrutura e equipamentos de segurança nessas práticas, sendo necessário o maior cuidado possível na realização de diferentes atividades, uma vez que cada prática requer cuidados e tipos de segurança diferentes, e ainda de acordo com Franco (2008):

Cabe ao professor, com seu nível de conhecimento e experiência, saber usar o bom senso e conseguir o melhor caminho para a aquisição dos equipamentos e fazer as adaptações necessárias com a maior segurança possível. Mas, seja qual for a adaptação, o docente deverá sempre valorizá-la como estrutura e material verdadeiramente pedagógico (FRANCO, 2008, p. 51).

Pelo fato das AFAs serem atividades de risco controlado, ou seja, na realização de diferentes modalidades podem ocorrer situações de perigo, essas situações são controladas pelas “regras” e meios de segurança de cada atividade, sendo assim de fundamental importância na realização de qualquer tipo de AFA.

Foi questionado se o professor de Educação Física do presente estudo já havia pensado ou mesmo trabalhado com AFAs. Ele, por sua vez, respondeu nunca ter pensado e muito menos abordado o tema em suas aulas, fato que ilustra uma possível deficiência no processo de formação inicial de professores, corroborando

com o apresentado por Freitas e Rufino (2012) ao sugerirem o aumento da produção científica acerca dessa temática.

A partir desse pressuposto, sugere-se sua inserção como uma das temáticas a serem desenvolvidas por algumas disciplinas específicas da área pedagógica dos cursos de formação inicial de professores de Educação Física. A formação mais ampliada e reflexiva acerca das potencialidades pedagógicas das AFAs na escola pode contribuir com a ação docente que vislumbre estes conteúdos ao longo dos processos de ensino-aprendizagem, introduzindo os alunos de maneira mais diversificada nas diferentes manifestações da cultura corporal de movimento e proporcionando a eles vivências e reflexões significativas sobre este conteúdo, permitindo a efetivação da apropriação crítica de mais essa manifestação.

A seguir foi levantado a opinião do professor e das alunas bolsistas à respeito das aulas implementadas e ainda se eles possuíam alguma sugestão. Tanto as bolsistas como o professor de Educação Física acharam as aulas bem ministradas, por proporem atividades diferentes das vivenciadas pelo cotidiano dos alunos, e assim diferenciar-se dos esportes tradicionais oferecidos pela escola, mesmo utilizando-se de adaptações para a realização das mesmas, como pode ser observado na fala da bolsista 1: “as aulas foram interessantes por propor em um mês, atividades diferentes das vivenciadas pelo cotidiano dos alunos. De certa forma tudo ocorreu muito bem, a partir de adaptações”. Na visão da bolsista 2: “a prática desses esportes na escola é uma forma de incentivar a Educação Física, uma vez que diferencia-se dos esportes tradicionalmente oferecidos pela escola como futebol, vôlei, etc.”.

Em relação às possíveis sugestões, o professor respondeu não ter sugestões pelo desconhecimento do assunto e duas bolsistas também, entretanto a bolsista 3 considerou que mesmo sem ter um domínio grande do assunto seria importante realizar essas práticas com materiais e espaço físico mais adequados e até mesmo reservados, pois alguns alunos no início podem apresentar resistência por vergonha ou mesmo medo, fato que vai de encontro às argumentações de Darido et al. (1999) e Carvalho (2009).

Franco (2008) dialoga com as respostas das entrevistas uma vez que afirma que:

Os esportes tradicionais, amplamente tratados na grande maioria dos currículos de Educação Física escolar, podem dar conta de atender ao gosto de uma boa parcela dos formandos da Educação Básica, aqueles que

virão a ser adultos, para o futuro uso do ócio ativo, nas suas horas de lazer, mas temos a convicção que esses alunos devem, e têm o direito, de receber muitos outros conhecimentos presentes na Cultura Corporal de Movimento e assim, aumentar seus conhecimentos, experiências e possibilidades de escolhas (FRANCO, 2008, p. 30).

Esse ponto de vista ilustra que embora muitas escolas abordem somente alguns esportes mais tradicionais, é importante a vivência pelos alunos de outras modalidades e manifestações corporais diferenciadas, para que assim os alunos aprimorem uma visão crítica e tenham condições de escolher ou mesmo saber o que existe para que possa empregar em seu tempo de lazer.

Ainda nessa perspectiva, de acordo com Pereira e Armbrust (2010), muitos professores de Educação Física identificam o ensino tradicional como àquele que ensina técnicas esportivas por meio da repetição dos movimentos, atitudes, e gestos, porém essa é uma visão, que diante dos dias atuais, precisa ser reformulada, uma vez que é necessário ressignificar os esportes para ensiná-los de modo mais crítico, além de ser fundamental a ampliação do ensino de outras manifestações da cultura corporal, permitindo aos alunos a reflexão e o usufruto crítico das AFAs.

5.3.2 Metodologia e didática

Em relação às questões metodológicas referente aos processos de ensino e aprendizagem estabelecidos pelo programa de AFA implementado, questionou-se a opinião das bolsistas e do professor sobre a maneira como as aulas foram organizadas, primeiramente uma parte de caráter mais conceitual com apresentação das modalidades e vídeos ilustrativos e em seguida uma parte de caráter mais procedimental com atividades sobre as temáticas de maneira simples e adaptada. As bolsistas acharam as aulas bem estruturadas e dinâmicas e essa divisão, acrescentaram ser fundamental para o processo de ensino-aprendizagem uma vez que proporciona uma visão inicial da modalidade aos alunos, tornando a prática mais fácil e prazerosa como podemos observar na fala da bolsista 1: “ as aulas foram bem estruturadas, o aluno, por ter a aula teórica e vídeos, tem noção do todo do esporte, para depois, na prática, saber a teoria”.

Essa visão foi reforçada pela bolsista 3 ao considerar: “como as aulas foram aplicadas mostrando tanto a teoria como a prática, acredito que isso é fundamental pro ensino aprendizagem do aluno e que torna as aulas muito mais simples, e mais

motivadoras para os alunos”. Já na opinião do professor essa divisão é a mais adequada porque são explicações curtas e objetivas, vídeos ilustrativos curtos e ainda por chamarem a atenção dos alunos com conteúdos diversificados.

Pode-se observar que tanto as bolsistas como o professor acharam essencial a apresentação de teoria e prática de forma integrada, fato este que pode estar atrelado à fugir das tradicionais aulas expositivas, fazendo com que os alunos interajam durante a aula. Nas aulas de Educação Física é um pouco mais difícil a utilização de aulas teóricas por parte dos professores o que, muitas vezes, acaba deixando uma sensação de grande vazio pedagógico, e que o encontramos também em muitas áreas do conhecimento. Portanto a união entre teoria e prática faz com que a disciplina de Educação Física se torne mais valorizada e não se restrinja somente a prática dos jogos e esportes, e sim ao conhecimento e entendimento, bem como a execução dos mesmos.

De acordo com Darido (1995) a partir da década de 1980 houve a implementação de novas propostas curriculares em instituições de ensino que buscavam formar o aluno de forma mais completa, dessa maneira a formação profissional em Educação Física começou a valorizar os conhecimentos científicos para embasar as práticas das modalidades esportivas. Essa nova proposta trouxe mudanças como um discurso mais elaborado e com elementos de diferentes abordagens (por exemplo, construtivista e desenvolvimentista). Observou-se uma preocupação constante com o processo de inclusão dos alunos na prática, e ainda as aulas passaram a ser elaboradas para que pudessem ocorrer em qualquer condição atmosférica, pois eram planejadas.

Porém, essa busca pela construção de referenciais científicos para a área da Educação Física não teve somente o lado positivo, pois alguns profissionais continuaram a não levar em consideração a opinião dos alunos nas aulas, apresentando aulas teóricas expositivas desvinculadas da prática, entre outras (DARIDO, 1995).

É necessário, de outro modo, uma reflexão sobre a ação, ou seja, que o contexto da prática pedagógica possa ser compreendido como produtor de saberes oriundos do processo educativo, ressignificando-os e contextualizando-os a partir das necessidades e perspectivas desenvolvidas nas relações entre professores e alunos. O profissional de Educação Física deve proporcionar uma prática com

embasamento teórico, facilitando o conhecimento completo do aluno, sem com isso abrir mão das especificidades dessa área.

Lembrando a necessidade de levar em consideração as dimensões dos conteúdos nas aulas de Educação Física para que os objetivos das aulas sejam alcançados de maneira satisfatória, é possível atrelar o ensino das AFAs com as diferentes perspectivas sobre conteúdo.

É possível desenvolver diversos aspectos ligados à dimensão conceitual como, por exemplo, as possibilidades de levantar os conhecimentos básicos do tema proposto, como ele se originou, aspectos históricos das modalidades, modos da prática, vestimentas adequadas, entre outras questões.

A dimensão procedimental, referente ao fazer e às maneiras de se fazer, compreende a vivência de técnicas e fundamentos e a experimentação das mais diversas práticas em situações de exploração ou mais diretivas, de acordo com os objetivos sinalizados pelos professores.

Finalmente, a dimensão atitudinal, desenvolve valores atrelados à prática das diferentes modalidades (DARIDO e SOUZA JÚNIOR, 2007). Assim, discussões e reflexões sobre as relações de gênero nas AFAs, importância do respeito às diversidades de regiões e das características de cada aluno, compreensões sobre os limites do próprio corpo e necessidade de cooperação, entre inúmeras outras questões, podem ser vinculadas durante as aulas.

Nessa perspectiva, pode-se observar que para as aulas de Educação Física poderem atingir seus objetivos de maneira mais ampla e sistemática, é necessário a união e o entrelaçamento de saberes oriundos de aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais, sendo de extrema importância para que seja proporcionado aos alunos um conhecimento mais abrangente, crítico e ampliado sobre o tema desenvolvido.

5.3.3 implementação do projeto de AFAs na escola

Foi questionado aos participantes das entrevistas se, na opinião deles, as AFAs seriam um tema de interesse dos alunos e ainda se eles haviam gostado do programa implementado. Todos os participantes responderam que os alunos se mostraram bastante interessados e que as atividades propostas tiveram sucesso entre eles, principalmente por despertar a curiosidade, fugir das atividades rotineiras e ainda por ser um tema bem interessante e atual para a idade deles, uma vez que

aborda a questão do risco fictício controlado e adrenalina (MARINHO; SCHWARTZ, 2005; BÉTRAN, 2003).

De acordo com Marinho e Schwartz (2005) a prática de Atividades Físicas de Aventura é crescente, e o interesse de praticantes aumenta vertiginosamente, o que gera uma propulsão tanto mercadológica como educacional, tornando-se cada vez mais visível e importante o desenvolvimento da mesma nas escolas. Essa inserção gera desafios, tanto em relação à inclusão das AFAs nas aulas de Educação Física, quanto por serem atividades que proporcionam o desafio, a superação, entre outras sensações, favorecendo experiências significativas aos alunos e professores.

Ainda foi questionado somente ao professor de Educação Física qual foi, na opinião dele, a aula mais interessante e os aspectos positivos e negativos em relação à implementação das aulas de AFAs. O professor respondeu que a aula mais interessante foi: “Parkour, por uma questão até pessoal, já até treinei, e usar o corpo, transpor obstáculos, a adrenalina envolvida, usar a coragem, para mim foi a aula mais legal”. Pode se observar que a aula de parkour despertou bastante o interesse do professor de Educação Física uma vez que se utiliza bastante do próprio corpo para a realização da prática, fazendo com que seja necessário um autoconhecimento e respeito ao corpo bem acentuados, trazendo atrelado as práticas à questão de superação e adrenalina para, por exemplo, transpor determinados obstáculos.

Em relação aos aspectos negativos, o professor levantou ser o tempo escasso das aulas e mesmo do projeto em questão, e o ponto positivo foi a competência da pesquisadora em fazer a implementação do projeto. Nas palavras do professor:

O ponto negativo foi o tempo escasso, somente uma turma contemplada, muito rápido o que não dá pra curtir mais, não dá tempo de gostar de verdade, porque quando vê já acabou e o ponto positivo, a competência da pesquisadora de ter corrido atrás e ter feito o projeto acontecer, de uma forma simples e com poucos aparatos (PROFESSOR).

Com base nas respostas dos alunos do professor de Educação Física e das alunas bolsistas do PIBID pode-se observar a importância da inserção do tema AFAs nas aulas de Educação Física, uma vez que este tema permite vivências e reflexões sobre novas manifestações corporais, aumentando o leque de possibilidades de conteúdo nas aulas de Educação Física.

Para os entrevistados, as AFAs são interessantes para os alunos por despertarem diferentes sensações. Além disso, eles ressaltaram a curiosidade dos estudantes por não conhecerem algumas ou a maioria das temáticas, sendo algo atrativo para eles. Ainda, foi destacado as possibilidades de discussão de diversas acepções de valores e atitudes presentes, desde que devidamente contextualizados pelos professores, como afirmam os autores Figueiredo et al. (2010), Franco (2008), Zimmermann (2006) e Marinho e Schwartz (2005). Como exemplo de relação, é possível abordar as Atividades Físicas de Aventura sob a perspectiva da educação ambiental, podendo auxiliar na formação do cidadão que poderá contribuir de forma adequada e reflexiva para o ambiente em geral e, conseqüentemente, para a sociedade e qualidade de vida das pessoas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar a implementação de um programa de Atividades Físicas de Aventuras (AFAs) na escola, dentro das aulas de Educação Física. Para isso, avaliou-se a opinião do professor de Educação Física da respectiva turma cujo estudo ocorreu, dos alunos envolvidos durante o processo de implementação e de um grupo de alunas bolsistas pertencentes ao PIBID e que acompanharam o processo, sobre as possibilidades apresentadas das aulas de AFA no contexto escolar.

Para isso foi realizada uma revisão bibliográfica, levantando primeiramente os aspectos legais da Educação. Em seguida foi feita uma abordagem em relação à Educação Física escolar. Procurou-se também compreender as Atividades Físicas de Aventura. Finalmente, averiguou-se a temática das AFAs no contexto escolar, especificamente nas aulas de Educação Física.

Em sequência foi implementado um programa de AFAs na escola, com duração de quatro encontros – sendo que cada encontro correspondeu a uma aula dupla. Em cada encontro foi desenvolvido um tema, os quais foram: parkour, skate, corrida de orientação e surfe, contando com a participação de 18 alunos do ensino fundamental, o professor de Educação Física desta turma e ainda 3 alunas bolsistas do PIBID. Após a implementação foram aplicados questionários com os alunos, entrevista com o professor e grupo focal com as alunas bolsistas, a fim de levantar a opinião do grupo em relação ao projeto implementado. E por fim os resultados obtidos foram analisados por meio de análise de conteúdo e ainda uma análise descritiva dos dados investigados, por meio da computação de porcentagens, com a finalidade de sistematizar e distribuir as informações obtidas.

Essa pesquisa buscou demonstrar as possibilidades de inserção das Atividades Físicas de Aventura nas aulas de Educação Física, mesmo que de maneira adaptada, proporcionando assim uma vivência de diferentes modalidades e manifestações corporais presentes na cultura corporal de movimento, fazendo com que os alunos possam conhecer modalidades novas, ou mesmo ressignificá-las e ainda formá-los com criticidade para que possam tomar decisões referentes à suas próprias vidas, por exemplo, no contexto das atividades de lazer. Foi importante por apresentar um novo conteúdo possível de ser desenvolvido nas aulas, uma vez que os alunos e o professor reconheceram não conhecer as AFAs, aumentando assim o

leque de possibilidades que a Educação Física apresenta. Ademais, essas atividades proporcionam a abordagem de valores atrelados à prática, desde que devidamente contextualizados e discutidos pelo professor, como por exemplo, a Educação Ambiental, formando o cidadão crítico e reflexivo para atuar na sociedade sustentável ou seja, que respeita o meio ambiente e valoriza o desenvolvimento de forma a não prejudicar a utilização de recursos naturais exacerbadamente.

O projeto revelou em seu decorrer algumas limitações, sendo elas: a quantidade de alunos que participaram da pesquisa foi pequena, uma vez que em uma sala de aula da rede pública estudam aproximadamente 40 alunos. Isso significa que os resultados obtidos não podem ser generalizados e nem essa foi a pretensão do presente trabalho, uma vez que ele foi pautado na perspectiva qualitativa de conhecer determinada realidade para poder transformá-la.

A falta de materiais e espaço físico proporcionadas pela escola também foi uma dificuldade apresentada e que remete à realidade de outras muitas escolas, dificultando o desenvolvimento das aulas, uma vez que estas já são adaptadas. Além disso, o espaço utilizado para as aulas de Educação Física na escola é dividido entre dois professores, gerando vergonha e inibindo alguns alunos na realização de determinadas atividades.

Finalmente, é possível considerar que o presente projeto, ao ser implementado pelo próprio pesquisador, se de um lado assegurou o domínio do conteúdo, no caso as AFAs, uma vez que o próprio professor confessou não conhecer essa temática, por outro não permitiu certo distanciamento da situação analisada, inclusive os atores escolares podem ter apresentado inibições quanto a uma possível avaliação negativa da implementação das aulas de AFAs.

Considera-se que as AFAs apresentam possibilidades de inserção no contexto escolar, mesmo que necessite ser de maneira adaptada, e devem fazer parte do mesmo, por serem uma manifestação corporal, fazendo parte da cultura corporal de movimento, além de aumentarem o leque de conteúdos da Educação Física, proporcionando aos alunos diferentes sensações e emoções e ainda por possuírem valores atrelados a elas, como a educação ambiental. Entretanto, mesmo inserida na esfera da cultura corporal de movimento, as AFAs necessitam de maiores estudos científicos que possam viabilizar aos futuros professores formas efetivas de abordar estes conteúdos ao longo da prática pedagógica tal como aponta Freitas e Rufino (2012).

Por essa razão, há a necessidade de inúmeros outros estudos que busquem a inserção das AFAs na escola, conjunto de manifestações fundamentais para que a apropriação crítica da cultura corporal de movimento nas aulas de Educação Física. Reconhece-se que há ainda algumas dificuldades mas as possibilidades são ricas e merecem destaque, contribuindo para com a prática pedagógica da Educação Física na escola.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, M. M. “Surfe não é só esporte, é estilo de vida”: por uma etnografia das práticas esportivas na natureza. In: V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura – entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura, 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo, p. 10-31, 2010. On line.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA. 1991.

BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (org.) **Turismo, Lazer e Natureza**. Barueri: Manole, p.157-202, 2003.

BETTI, M. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2002.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos cedes**, v. 19, n. 48, Agosto, 1999.

BRASIL. **Lei número 10.793**, de 1º de dezembro de 2003. Publicado no Diário Oficial da União em 2 de dezembro de 2003. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/2003/10793.htm>>. Acesso em: 20 out. 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 5ª edição. Brasília, 2010.

BRASIL. **Lei número 10.328**, de 12 de dezembro de 2001. Publicado no Diário Oficial da União em 13 de dezembro de 2001. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/2001/10328.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

BRASIL. **Lei número 10.793**, de 1º de dezembro de 2003. Publicado no Diário Oficial da União em 02 de dezembro de 2003. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/2003/10793.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília MEC/SEF, 1997.126p.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p.

CARVALHO, J. **Medo e vergonha na Educação Física escolar: perspectivas da Psicologia do Esporte**. 2009. 59f. Monografia (Licenciatura em Educação Física). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Araras: Topázio, 1999.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; FIORIN, G. Educação Física no ensino médio: reflexões e ações. **Motriz**, Rio Claro, v.5, n.2, p.138-145, 1999.

DARIDO, S. C.; SOUZA JUNIOR, O. M. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papirus, 2007.

DARIDO, S. C. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física. In: V Simpósio Paulista de Educação Física, 1995, Rio Claro. **Anais...** Motriz, Revista de Educação Física, Rio Claro, v.1, n.2, p.124-128, 1995. On line.

DUARTE, O. **História dos esportes**. São Paulo: Makron Books, 2000.

FIGUEIREDO, J. P.; SCHWARTZ, G. M.; DOBRÁNSZKY, I de A.; SANTIAGO, D. R. P.; TAVARES, G. H. Educação Ambiental e Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN): perspectivas de utilização no contexto escolar. **EF Deportes**, Buenos Aires, v. 15, n. 146, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd146/educacao-ambiental-e-atividades-fisicas-na-natureza.htm>>. Acesso em: 03 out. 2011.

FRANCO, L. C. P. **Atividades Físicas de Aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo**. 2008. 136f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2008.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 2009.

FREITAS, T. A.; RUFINO, L. G. B. Atividades Físicas de Aventura, currículo e cultura corporal de movimento: possibilidades para as aulas de Educação Física escolar. In: VII Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura e I Congresso Internacional de Atividades de Aventura, 2012, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro, p. 10, 2012. CD ROM.

GALLAHUE, D. L. **Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças**. São Paulo: Phorte, 2008.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber livro, 2005.

GUTEMBERG, A. **A história do surfe no Brasil**. São Paulo: Azul, 1989.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí: Fontoura, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

MARINHO, A.; SCHWARTZ, G.M. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre o seu valor educativo. **EF Deportes**, Buenos Aires, v. 10, n. 88, set. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm>>. Acesso em: 03 out. 2011.

RONDÔNIA. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular do Estado de Rondônia**: Educação Física. Porto Velho, 2010.

SCHWARTZ, G. M. **Aventuras na natureza**: consolidando significados. Jundiaí: Foutoura, 2006.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G. Educação Física na Educação Infantil: Pesquisa e Produção do Conhecimento. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, p.110-115, 2001.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: A Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZIMMERMANN, A. C. Atividades de aventura e qualidade de vida. Um estudo sobre a aventura, o esporte e o ambiente na ilha de Santa Catarina. **EF Deporte**, Buenos Aires, v. 10, n. 93, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd93/sc.htm>>. Acesso em 03 out. 2011.

ANEXO

Parecer do Comitê de Ética



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Rio Claro



DECISÃO CEP Nº 015/2012

Instituição: UNESP – IB – CRC	Departamento: Educação Física
Protocolo nº: 10074	Data de Registro CEP: 15.12.2011
Projeto de Pesquisa: "Possibilidades das Atividades Físicas de Aventura (AFAs) no contexto escolar"	

Pesquisa Individual	Pesquisador Responsável: -.-
	Colaboradores: -.-

Pesquisa Alunos de Graduação	Pesquisador Responsável: SURAYA CRISTINA DARIDO
	Co-orientador(a): Luiz Gustavo Bonatto Rufino
	Orientando(a): Tamires Alvarado de Freitas

Pesquisa Alunos de Pós-Graduação	Pesquisador Responsável:
	Orientador(a):

Objetivo Acadêmico:	<input checked="" type="checkbox"/> TCC
	<input type="checkbox"/> Mestrado
	<input type="checkbox"/> Doutorado
	<input type="checkbox"/> Outros – (especificar)

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP – Campus de Rio Claro, em sua 45ª reunião ordinária, realizada em 19/03/2012	
<input checked="" type="checkbox"/>	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
<input type="checkbox"/>	Desde que atendidas as pendências apontadas na reunião (vide anexo), aprova o Projeto de Pesquisa acima citado.
<input type="checkbox"/>	Referendou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
<input type="checkbox"/>	Aprovou retornar ao interessado para atendimento das pendências encontradas (prazo máximo de 60 dias):
<input type="checkbox"/>	Não Aprovou.
<input type="checkbox"/>	Retirou , devido à permanência das pendências.
<input type="checkbox"/>	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado e o encaminha , com o devido parecer, para apreciação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa- CONEP/MS, por se tratar de um dos casos previstos no capítulo VIII, item 4.c.

↙ "Formulário para Acompanhamento dos Protocolos de Pesquisa Aprovados"
Data de Entrega: fevereiro de 2013

Rio Claro, 16 de março de 2012. Prof. Dra. Rosa Maria Feiteiro Cavalari Coordenadora do CEP

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro para entrevista com o professor

1. Você já havia pensado em trabalhar, ou já trabalhou com as Atividades Físicas de Aventura anteriormente? Caso a resposta seja afirmativa, cite exemplos.
2. Você acha possível a aplicação das Atividades Físicas de Aventura nas aulas de Educação Física?
3. Em relação às aulas que assistiu, você mudaria ou acrescentaria algo?
4. Qual sua opinião a sobre a maneira como foram aplicadas as práticas das Atividades Físicas de Aventura?
5. Qual sua opinião sobre as aulas? O que deu certo e o que não? Você tem possíveis sugestões e/ou adaptações?
6. O que você pensa que os alunos acharam das aulas? Qual foi o principal ponto positivo? E o negativo?

APÊNCIDE B

Roteiro para o grupo focal com as bolsistas do PIBID

1. Vocês acharam as Atividades Físicas de Aventura um tema possível de ser trabalhado na escola, nas aulas de Educação Física?
2. Qual a opinião de vocês a respeito das aulas aplicadas? O que deu certo e o que não? Vocês teriam alguma sugestão?
3. Em relação à organização e aplicação das aulas, qual é a opinião de vocês?
4. Na opinião de vocês, as Atividades Físicas de Aventura seria um tema de interesse dos alunos? Vocês acham que eles gostaram?

APÊNDICE C

Questionário para os alunos

1. O que você achou das aulas sobre Atividades Físicas de Aventura?
2. Qual das aulas aplicadas foi a mais interessante para você?
3. Qual das aulas foi a menos interessante?
4. Você encontrou alguma dificuldade durante as aulas? Se sim, quais?
5. Em sua opinião, seria interessante ter aulas sobre as Atividades Físicas de Aventura na escola, nas aulas de Educação Física?
6. Você acha que as Atividades Físicas de Aventura é um tema possível de ter nas aulas de Educação Física?

APÊNDICE D***Planos de aula*****UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

IB - Departamento de Educação Física - Campus de Rio Claro

PLANO DE AULA - Nº 1

Tema da Aula: Parkour.

Objetivo(s) Específicos da Aula: trabalhar conceitos e vivências práticas da modalidade.

Material(ais)/Equipamento(s) Necessário(s): mesas, bancos e cadeiras.

INTRODUÇÃO (Tempo Previsto: 20 Minutos)**ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:**

Origem da modalidade;

Tipos de vestimenta adequados;

Nomenclaturas para os praticantes;

Movimentos básicos;

Vídeo da modalidade.

PARTE PRINCIPAL (Tempo Previsto: 30 Minutos)**ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:**

Pega-pega com obstáculos: no espaço da quadra terão alguns obstáculos dispostos (cadeiras, mesas e bancos), nos quais os alunos precisam ultrapassar durante a brincadeira;

Percurso com obstáculos: os alunos terão que transpor alguns obstáculos dispostos em forma de percurso, realizando os movimentos básicos ensinados;

PARTE FINAL (Tempo Previsto: 25 Minutos)**ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:**

Os alunos serão divididos em grupos, e cada grupo terá que montar um percurso utilizando os movimentos do parkour, e apresentar para o grupo. E discussão em roda do aula.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
IB - Departamento de Educação Física - Campus de Rio Claro

PLANO DE AULA - Nº 2

Tema da Aula: Skate.

Objetivo(s) Específicos da Aula: trabalhar conceitos e vivências práticas da modalidade.

Material(ais)/Equipamento(s) Necessário(s): 4 skates.

INTRODUÇÃO (Tempo Previsto: 20 Minutos)

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

Origem da modalidade;
Inserção no Brasil;
Tipos de vestimenta adequados;
Equipamentos e componentes do skate;
Modalidades;
Manobras;
Vídeo da modalidade.

PARTE PRINCIPAL (Tempo Previsto: 30 Minutos)

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

Pega-pega com obstáculos: para relembrar a aula de parkour, os obstáculos estarão dispostos na quadra.

Vivência no skate: em duplas, um sentado e o outro empurrando; em duplas, um em pé e o outro auxiliando com as mãos; sozinhos, vivenciar e buscar o equilíbrio.

Percurso: os alunos tinham que percorrer um percurso, com curvas e zigue-zague.

PARTE FINAL (Tempo Previsto: 25 Minutos)

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

Competição: os alunos em duplas e em quatro fileiras, competirão entre si, sentados no skate.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
IB - Departamento de Educação Física - Campus de Rio Claro

PLANO DE AULA - Nº 3

Tema da Aula: Corrida de Orientação.

Objetivo(s) Específicos da Aula: trabalhar conceitos e vivências práticas da modalidade.

Material(ais)/Equipamento(s) Necessário(s): mapas, papel e durex.

INTRODUÇÃO (Tempo Previsto: 20 Minutos)

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

Origem da modalidade;

Tipos de vestimenta adequados;

Equipamentos e cuidados necessários;

Interpretação do mapa;

Vídeo da modalidade.

PARTE PRINCIPAL (Tempo Previsto: 30 Minutos)

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

Os alunos serão divididos em três grupos. Na escola existirão alguns pontos em que os alunos precisarão chegar através da interpretação do mapa e nesses pontos precisarão realizar uma tarefa que estará descrita em uma folha e colada na parede, para poderem seguir para os próximos pontos. Ao término serão checadas se todas as atividades foram realizadas, e se todos os pontos foram percorridos.

PARTE FINAL (Tempo Previsto: 25 Minutos)

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

Roda de conversa sobre os aspectos positivos e negativos da atividade.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
IB - Departamento de Educação Física - Câmpus de Rio Claro

PLANO DE AULA - Nº 4

Tema da Aula: Surfe

Objetivo(s) Específicos da Aula: trabalhar conceitos e vivências práticas da modalidade.

Material(ais)/Equipamento(s) Necessário(s): colchonetes.

INTRODUÇÃO (Tempo Previsto: 30 Minutos)

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

Origem da modalidade;
Tipos de vestimenta adequados;
Equipamentos necessários;
Componentes de uma prancha;
modalidades;
Vídeo da modalidade.

PARTE PRINCIPAL (Tempo Previsto: 30 Minutos)

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

Cada aluno com um colchonete e foram ensinadas algumas posturas e ações básicas, juntamente com os específicos nomes;

Ao comando do professor os alunos tinham que realizar o movimento pedido.

Pega-pega adaptada, considerando alguns aspectos do surfe.

PARTE FINAL (Tempo Previsto: 20 Minutos)

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

Discussão em roda, sobre os aspectos gerais da aula e das atividades.

APÊNDICE E

Exemplo de questionário respondido pelo aluno 6.

6

Questionário para os alunos

1. O que você achou das aulas sobre Atividades Físicas de Aventura?

Que foram super legais, eu aprendi várias coisas nessas aulas.

2. Qual das aulas aplicadas foi a mais interessante para você?

() Parkour () Skate (X) Corrida de orientação () Surfe

3. Qual das aulas foi a menos interessante?

() Parkour () Skate () Corrida de orientação (X) Surfe

4. Você encontrou alguma dificuldade durante as aulas? Se sim, quais?

não muita dificuldade

5. Em sua opinião, seria interessante ter aulas sobre as Atividades Físicas de Aventura na escola, nas aulas de Educação Física?

() Sim (X) Talvez () Não

6. Você acha que as Atividades Físicas de Aventura é um tema possível de desenvolver nas aulas de Educação Física?

(X) Sim () Não

Tamires A. Freitas

Tamires Alvarado de Freitas

(aluna)



Suraya Cristina Darido

(orientadora)



Luiz Gustavo Bonatto Rufino

(co-orientador)